

FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROJOVEM URBANO: QUAL A OPINIÃO DOS PROFESSORES DE CIÊNCIAS NATURAIS SOBRE SUA PARTICIPAÇÃO

Danilo Oliveira Santos* (IC)¹ - Universidade Federal de Sergipe - UFS
Campus Prof. Alberto Carvalho Danilo.quimico@yahoo.com.br

Gisleine Souza da Silva (IC)¹ - Universidade Federal de Sergipe - UFS
Campus Prof. Alberto Carvalho gisleine.quimica@gmail.com

Paula Fernanda de Carvalho Dantas (IC)¹ - Universidade Federal de Sergipe - UFS
Campus Prof. Alberto Carvalho pfquimica@hotmail.com

João Paulo Mendonça Lima (PG)¹ Universidade Federal de Sergipe - UFS
Campus Prof. Alberto Carvalho jpufs@hotmail.com

RESUMO

Neste trabalho buscou-se analisar o perfil de professores que lecionam a disciplina Ciências Naturais, no PROJOVEM URBANO (Programa Nacional de Inclusão de Jovens) em municípios sergipanos. O programa tem como público alvo, alunos que não concluíram o Ensino Fundamental e que possuam idade entre 18 e 29 anos. Vale ressaltar, a importância da realização dos encontros que ocorrem duas ou até três vezes por mês, e aos sábados entre: professores, formadores de professores e coordenação do programa. Analisou-se ainda as opiniões dos professores sobre sua participação na formação continuada, verificando como os encontros podem ou não contribuir para melhoria das práticas pedagógicas dos professores pesquisados. Percebeu-se nas opiniões dos docentes a necessidade de mudança na estrutura das reuniões, principalmente pela falta de reflexão crítica sobre a prática docente.

Palavras-Chave: Formação Continuada, PROJOVEM, docentes

ABSTRACT

In this paper we have analyzed the profile of teachers who teach the discipline Sciences in PROJOVEM URBAN (National Youth Inclusion) in municipalities in Sergipe. The program has as public target, students who have not completed elementary school and having between 18 and 29 years. It is worth emphasizing the importance of holding the meetings that occur two or three times a month and on Saturdays between teachers, teacher trainers and program coordination. Consideration was also the opinions of teachers about their participation in continuing education, verifying as the meeting can or it does not contribute for improvement of practical the pedagogical ones of the searched teachers. The necessity of change in the structure of the meetings was perceived in the opinions of the teachers, mainly by lack of critical reflection on teaching practice.

Keywords: Continuing Education, PROJOVEM, teachers

* ¹ Núcleo de Química, UFS/Campus Prof. Alberto Carvalho, Av.Vereador Olimpio,s/n Centro, CEP: 49500-000, Itabaiana-SE; Fax: (79) 3431-2410.

1. INTRODUÇÃO

Há alguns anos em vários trabalhos observa-se discussões voltadas à formação inicial (F.I) e continuada (F.C) de professores de todas as áreas do conhecimento (Lima, 1996; Maldaner, 2006; Rosa, 2004; Freire, 1996). A formação inicial e continuada de professores vem sendo alvo de várias críticas, especialmente quanto ao seu caráter irreflexivo e a dissociação existente entre as disciplinas de prática pedagógica e as técnico-científicas. Segundo Maldaner (2006, p. 46) “hoje há praticamente um consenso de que os cursos de formação de professores não conseguem responder às necessidades de nenhum nível de ensino”. Muitos desses problemas são apontados pela falta de entendimento sobre a complexidade que envolve a prática docente, resultante de uma visão simplista sobre as atividades inerentes ao professor.

Segundo Schnetzler e Aragão (1995, p.1) “é comum encontrarmos em inúmeros colegas uma visão simplista de atividades docente. Isto porque concebem que para ensinar basta saber um pouco do conteúdo específico e utilizar algumas técnicas pedagógicas”. Existem várias situações presentes na própria Universidade que possibilita uma má formação do futuro professor, desde a estrutura curricular até a concepção sobre ensino e aprendizagem dos professores que formam os futuros docentes, porém estas questões não serão discutidas neste trabalho.

O que pode ser observado, nesta discussão inicial é a necessidade de uma formação docente contínua destes profissionais, tendo em vista as dificuldades inerentes a prática pedagógica e possíveis deficiências existentes nos cursos de licenciatura. Este tipo de estudo e reflexão ganha força ao se tratar do processo de formação inicial e/ou continuada de professores das Ciências Naturais (Química, Física e Biologia). Tendo em vista os baixos níveis de aprendizado dos alunos pelos conteúdos destas disciplinas, como mostra alguns resultados de avaliações as quais alunos das escolas brasileiras são submetidos, como o PISA (Programa Internacional de Avaliação Comparada).

Sendo assim, a formação continuada seria um momento importante no desenvolvimento e análise das atividades docente e também de questões de cunho: pedagógico, social e didático. Questões essas que podem permear desde a dificuldade de alguns alunos na compreensão de determinados conceitos, até os motivos que levam os discentes a abandonar a escola e não mais frequentar as aulas. É evidente que este momento não deve servir apenas para diagnosticar os problemas encontrados, mas também de propor soluções concretas para os mesmos. Podendo este, ser um espaço que possibilite superar

algumas dificuldades e entraves que provavelmente estão presentes nos cursos de formação inicial, nas Instituições de Ensino Superior de todo país e conseqüentemente incorporadas a prática pedagógica dos professores.

Um importante questionamento e até mesmo inquietação que surge, é o de como a formação continuada vai contribuir para identificar problemas presentes no processo de ensino-aprendizagem e a partir deste momento buscar superá-los. Segundo, Freire (1996, p. 39) “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o de reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” Este realmente é um ponto extremamente importante de ser discutido, pois, pesquisas (Lima, 2009) demonstram que boa parte dos problemas encontrados em salas de aula no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem, são atribuídos pelos professores aos alunos, ou até mesmo a estrutura das escolas, ou seja, o problema nunca é ou será a forma com a qual o trabalho do professor está ocorrendo, isto provavelmente se dá pela falta de análise crítica sobre a prática que esta sendo desenvolvida pelo professor.

Segundo Lima (1996), “o trabalho em grupo alimenta e reafirma a validade de assumir atitudes que se contraponham às tradicionais práticas de ensino baseadas no modelo de transmissão-recepção”. Como também a conscientização dos professores que o trabalho em uma formação continuada não é algo resolvido em um primeiro momento, mas sim algo longo, estruturado. E que “o contínuo aperfeiçoamento e a busca de novas respostas para velhas questões exigem que, enquanto desempenharmos a função de professores, sejamos também pesquisadores e aprendizes” (Lima, 1996).

Observa-se nas afirmações destes autores a necessidade de investigação e reflexão sobre a prática pedagógica dos professores, sendo a formação continuada um local privilegiado, para tal. Analisamos que é a partir de situações como esta, que pode ser possibilitado uma melhora contínua das atividades docentes: melhoria das metodologias e estratégias que são trabalhadas e incorporação de outras, melhor relacionamento com os alunos, disposição para manter-se atualizado, buscar alternativas para melhor avaliar os discentes, entre outras. Porém, é importante que estes momentos e estas reflexões sejam sempre fundamentadas por um referencial teórico, que dê suporte ao entendimento do por que que uma atividade pode ser melhor aproveitada por um aluno do que outra, ou porque os alunos sentem-se mais motivados a ter aulas de uma disciplina em detrimento de outra.

Esta articulação das discussões realizadas sobre as atividades desenvolvidas, a um referencial teórico, poderá possibilitar um amadurecimento sobre o “saber ingênuo” que alguns professores possuem sobre a prática docente.

O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, “desarmada”, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. Este não é o saber que a rigorosidade do pensar certo procura. Por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais descrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador (FREIRE, 1996, p. 38).

É esta necessidade do desenvolvimento do senso crítico, sobre como melhorar a prática docente, que deve permear um programa de formação continuada, ou seja, os sujeitos participantes devem entender que: teorias educacionais ou a busca pelo entendimento sobre como ocorre à construção do conhecimento pelos alunos, não vão ser implantadas nas mentes, pelo simples fato de ouvir o formador de professor, transmitindo informações. É responsabilidade de cada um buscar construir individualmente conhecimentos que possibilitem o aprimoramento da prática do ser professor, e desta forma acredita-se que isto dificilmente vai ocorrer sem que haja uma reflexão crítica sobre a atividade docente que está sendo desenvolvida por cada educador. Vários autores destacam em seus trabalhos esta necessidade.

“A mudança de postura do professor deve-se a necessidade primeiro de refletir sobre sua própria prática” Tardif (2000). Castilho, et al (1999) “qualquer professor pode ser mais do que um mero transmissor de informações, desde que se sintam realmente incomodado a ponto de buscar novos rumos para sua prática profissional”.

Só após a descrição do que penso e do que faço me será possível encontrar as razões para meus conceitos e para minha atuação, isto, é interpretar e abrir-me ao pensamento e à experiência dos outros para, no confronto com eles e comigo próprio, ver como altero e se altero a minha práxis educativa (ALARCÃO, 1996, p. 182).

Tendo em vista, toda esta discussão é objetivo deste trabalho buscar entender como ocorre um determinado programa de formação continuada, quais as principais características, pontos positivos e negativos da participação docente nestes programas, será que a formação possibilita a reflexão crítica sobre a prática? E como isso ocorre especialmente com professores de Ciências Naturais, que ministram aulas em um programa de correção de fluxo, como o PROJOVEM URBANO (Programa Nacional de Inclusão de Jovens). Ou seja, até que

ponto a formação continuada de professores o auxilia em sua prática pedagógica? Principalmente em se tratando de um programa que, por si só, já envolve uma grande complexidade e responsabilidade no sentido de possibilitar o retorno a escola de jovens que não concluíram o Ensino Fundamental. Segundo o Manual do Educador Orientações Gerais (MEOG do PROJovem URBANO) a finalidade deste programa é:

Promover a inclusão social dos jovens brasileiros de 18 a 29 anos que, apesar de alfabetizados, não concluíram o ensino fundamental, buscando sua re-inserção na escola e no mundo do trabalho, de modo a propiciar-lhes oportunidades de desenvolvimento humano e exercício efetivo da cidadania (SALGADO, 2008, p.13).

Percebe-se, como finalidade do programa uma preocupação no sentido de oferecer oportunidades, para que estes jovens retornem aos estudos e a partir destes busquem uma melhor qualificação para entrada no mercado de trabalho, não se esquecendo da garantia a formação para cidadania, porém observa-se que esta não é uma tarefa fácil e que requer um alto comprometimento da classe docente e discente. Pois, independentemente da série do Ensino Fundamental, que o aluno deixou de estudar, ele poderá ser matriculado no programa, sendo, talvez mais importante e problemático ainda, o fato de trabalhar com alunos que possivelmente deixaram de estudar a muitos anos.

Sobre as características do programa vale destacar ainda que:

O ProJovem Urbano tem duração de 18 meses, oferece formação no ensino fundamental, cursos de iniciação profissional, aulas de informática e auxílio de R\$ 100,00 por mês. O Programa foi concebido como uma intervenção de caráter emergencial destinada a atender parcela significativa dos jovens com o perfil socioeconômico tipificado como público-alvo, que têm necessidade de retomar a trajetória escolar e prosseguir nos estudos. Ao integrar ensino fundamental, qualificação profissional e ação comunitária, o Programa busca oferecer oportunidade para que os jovens experimentem novas formas de interação, se apropriem de novos conhecimentos, re-elaborem suas próprias experiências e sua visão de mundo e, ao mesmo tempo, se re-posicionem quanto a sua inserção social e profissional (www.projovemurbano.org.br).

Sendo assim, e tendo em vista todos objetivos presentes no referido programa os encontros que são realizados pelos docentes quinzenalmente e aos sábados, tem um papel importantíssimo no sentido de entender a problemática presente no contexto em que estão atuando e buscar formas de minimizá-los e até de propor ou substituir, algumas propostas. Já que este é um programa novo e recém implantado (2009) em 18 municípios sergipanos.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada com professores de Ciências Naturais que atuam em nove municípios do interior do estado de Sergipe que lecionam no PROJOVEM URBANO. O programa oferece formação continuada através de dois, ou até três encontros por mês em uma escola da cidade de Nossa Senhora da Glória/ SE. Os encontros acontecem nos turnos manhã e tarde e sempre aos sábados.

A coleta de dados se deu através de aplicação de um questionário com nove questões abertas, cujo objetivo foi identificar: motivo da participação na formação, contribuição da formação para prática pedagógica, atividades desenvolvidas, pontos positivos e negativos e mais algumas que buscavam identificar o perfil e principais características dos professores que se dispuseram a participar da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram distribuídos quatorze questionários em duas salas diferentes, sendo que foram devolvidos apenas nove. Vale destacar a resistência demonstrada pela coordenação do programa desde a autorização da realização da pesquisa, até a entrega dos questionários respondidos, que por sinal como já destacado nem todos, fizeram a devolução. Rosa (2004), afirma que “é sabido por todos nós que somos ou fomos docentes dos níveis fundamentais e médio como os professores se sentem quando pesquisadores universitários se aproximam deles com propósitos de desenvolver investigações que procuram conhecer aspectos da realidade escolar.” Na verdade esta resistência pode ser observada por vários fatores, entre eles devem ser destacados: a presença da coordenação do programa e dos formadores no momento da aplicação do questionário e o retorno que muitas vezes os professores não tem quando são pesquisados.

Os dados coletados permitiu identificar algumas características dos professores, sendo 5 homens e 4 mulheres, apresentando idade de 20 a 43 anos. Três possuem formação em Biologia, quatro em Química e dois responderam ser formados em Ciências Naturais. Sendo seis deles pela UFS, um pela UNIT e dois em outras instituições. Quanto ao tempo que exerce a atividade docente cada uma apresenta um tempo diferente que varia de 1 ano e 4 meses a 23 anos.

Dos nove docentes, cinco trabalham em dois turnos, dois em apenas um e dois em três turnos. Estes dados nos remetem algumas situações que inclusive são defendidos em alguns

trabalhos como os de Maldaner (2006) no sentido do professor buscar sempre brigar por melhores condições de trabalho e salários, pois não dá pra imaginar, ou até dá como seja a qualidade das aulas de quem exerce a função docente todos os dias em dois ou até três turnos. Em qual momento estes profissionais estarão atualizando-se, e buscando produzir seu próprio material? Ou ainda, será que estes professores terão condições de participar de eventos relacionados às suas respectivas áreas do conhecimento?

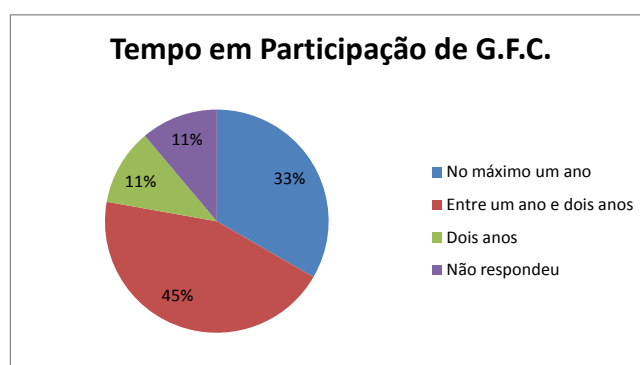


Figura 01. Tempo de participação no grupo de formação continuada (G.F.C)

Nestes dados pode-se perceber que o tempo de participação dos indivíduos varia, ressaltando a existência de um que está iniciando. Fato que teoricamente pode vir a interferir nas respostas das questões seguintes. Outro ponto relevante nestes dados, é que existem professores com muito tempo de sala de aula e pouco tempo de formação continuada, por exemplo, tem um professor de 23 anos de carreira com no máximo 2 anos de formação continuada. Este dado remete e justifica inclusive a escolha destes professores para nossa pesquisa, pois possivelmente a participação deles em programa de formação continuada se dá pela obrigação inerente ao cargo de professor do PROJovem URBANO, ou seja, será que se a formação fosse apenas para quem tem interesse, estes profissionais participariam da reunião? Maldaner (2006, p. 391), defende “a formação continuada como inerente ao exercício profissional de professor, de complexidade crescente.” Esta afirmação, de Maldaner é importante, pois não dá pra imaginar na sociedade atual, rica em informações um bom professor de Ciências Naturais, se este não se atualiza ou busca entender constantemente como ocorre o processo de ensino-aprendizagem.

Uma das questões iniciais, da pesquisa era sobre o motivo da participação na formação continuada. A maioria respondeu que era devido à “*busca do aprimoramento das técnicas pedagógicas.*” Esta concepção de boa parte dos professores, nos remete ao que ficou conhecido como modelo da racionalidade técnica, onde os currículos da licenciatura tinham características do bacharelado (Ayres, 2005) visto que, nas licenciaturas nos 3 primeiros anos

da graduação os alunos tinham contato apenas com disciplinas técnico - científicas e apenas no último ano do curso de licenciatura ocorria o contato com disciplinas de prática pedagógica, geralmente organizadas na forma de estágio (modelo 3+1). Rosa (2004) “na década de 90 programas de formação continuada assumiram metodologias associadas aos avanços da tecnologia, mas ainda apoiados na racionalidade técnica.” Este modelo de formação e ainda presente nas concepções dos professores, possibilita a concepção que não existem soluções ou receitas prontas, para os problemas presentes na prática docente. Fato este que no dia a dia da escola pode-se observar ser muito difícil de ocorrer.

As implicações desse modelo de formação inicial de professores aparece na dissociação entre disciplinas específicas e pedagógicas, sendo usualmente estas últimas abordadas no período final do curso, o que evidencia a separação entre o saber e o fazer. Isto se desdobra nos programas de formação continuada, que ao se pautarem na racionalidade técnica demarcam novamente os limites entre teoria e prática, criando um campo onde, de um lado, estão os professores com seus problemas corriqueiros do cotidiano da prática e, de outro, os especialistas com suas teorias refinadas e poderosas (ROSA, 2004, p. 33).

Tiveram ainda outros profissionais que afirmaram participar da formação apenas por ser “**obrigatório**”, demonstrando que a forma com a qual a formação continuada pode estar sendo conduzida não está atendendo as expectativas dos professores, como afirma um dos pesquisados:

“A principio motivado pela busca do conhecimento e o aprimoramento do meu trabalho enquanto educador, hoje, apenas como forma de cumprir uma exigência do meu contrato de trabalho”.

Qual(is) contribuição(ões) da sua participação no G.F.C para sua prática pedagógica?	
Contribuições	Quantidade de indivíduos
Melhora da prática pedagógica	4
Troca de experiências e idéias	3
Não contribui	1
Não respondeu	1

Quadro 1: Contribuições da participação

Para este questionamento foram obtidas as respostas presentes no quadro 1. Vale ressaltar, que esta é a opinião da maioria dos professores sobre sua participação na formação, porém, não dá para identificar neste momento se realmente ocorre, por exemplo, a melhoria da prática a partir destes encontros ou não. Alguns professores afirmam que as contribuições

são a partir das: *troca de ideias entre eles, planejamento das atividades*, o que é realmente importante, pois a partir destas discussões os docentes podem perceber que tipo de estratégia, pode ter um melhor ou pior resultado no processo de ensino-aprendizagem, porém há aqueles que relatam que não ocorre nenhuma contribuição em sua prática pedagógica:

“Em virtude da falta de organização e criatividade, mesclado com a imposição que o projeto ou seus organizadores exercem junto aos educadores, posso afirmar de maneira incisiva que não há nenhum tipo de contribuição, visto que, formação continuada requer um debate sobre novas ideias, e não mera leitura de um conteúdo previamente produzido considerado como uma teoria definitiva”.

Um dos professores, realmente mostra sua indignação sobre a forma que os trabalhos são conduzidos, principalmente quanto aos trabalhos que são desenvolvidos e a própria forma de conduzir a formação pela coordenação e conseqüentemente pelos formadores.

Em relação à metodologia utilizada no G.F.C. os professores relatam que prevalece os debates sobre alguns temas ou áreas específicas. No entanto, há professores que criticam a metodologia adotada relatando que se baseia em ler sobre determinado assunto previamente estabelecido e reescrever o que foi lido, sem discussão sobre a coerência, possibilidade de aplicação e principalmente não ocorre reflexão sobre a importância desta atividade, para que todos entendam qual a contribuição destas para suas respectivas práticas pedagógicas.

Vale ressaltar que este material que é lido, é o conteúdo que deve ser aplicado nas aulas pelos professores, em momento algum é dado suporte pelos formadores através de referenciais teóricos que possibilite um maior entendimento sobre questões, como: construção do conhecimento, teorias do ensino e da aprendizagem, afetividade, entre outros. A maioria dos professores afirma que as atividades desenvolvidas poderiam ser diferentes, com mais: ***dinamismo, interativas, considerando as teorias de ensino-aprendizagem.***

A dimensão usual de formação de professores, demasiadamente restrita e não problematizada, restringe-a em fases estanques nos cursos de magistério, pedagogia, licenciaturas, mestrados e formação continuada. A atuação em fases estanques é, sem dúvida uma das responsáveis pela crise das licenciaturas no âmbito das próprias universidades. Forma-se sempre mais, a convicção entre os professores universitários responsáveis pela formação específica de professor e os pesquisadores educacionais que somos incapazes de formar bons professores (MALDANER, 2006, p. 44).

É esta falta de problematização sobre a atividade docente e geralmente a culpabilização dos professores, pelo fracasso em termos de aprendizado e até mesmo pela evasão dos alunos da escola, que possivelmente faz com que os docentes, percebam a

necessidade de mudanças nas atividades desenvolvidas na formação continuada, porém esta não será uma tarefa fácil de ser realizada, têm que ser observado também às próprias deficiências existentes nos formadores, sua formação, metodologias e referenciais adotados, pois as pesquisas demonstram a dificuldade que é formar bons professores.

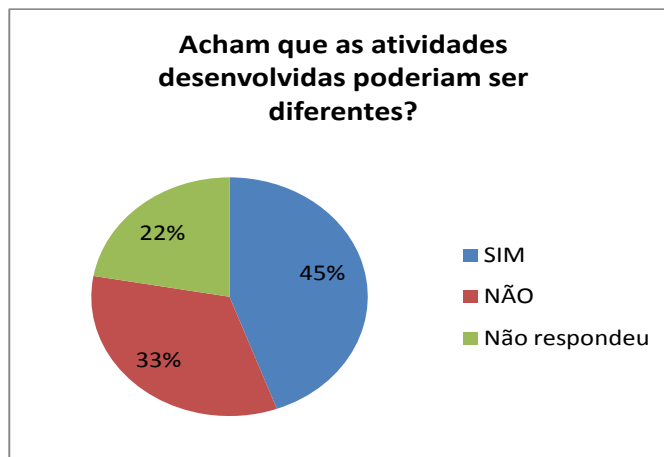


Figura 2. Opinião sobre as atividades desenvolvidas no G.F.C.

Sobre os pontos positivos a resposta mais destacada é a interação com outros profissionais da área, porém não fica claro se esta interação possibilita uma melhor prática pedagógica.

Sobre os principais problemas encontrados em sala de aula se destaca: *desinteresse dos alunos com relação ao estudo*. Como afirma Schnetzler e Aragão (1995, p.1) o professor que se pauta em um modelo de ensino transmissão-recepção e que conseqüentemente possui uma visão simplista sobre a atividade docente, dificilmente vai entender a complexidade que envolve a prática docente, atribuindo a pouca aprendizagem dos seus alunos a uma possível falta de base e de interesse dos discentes. Ou seja, para esse professor o problema nunca será a forma com que o ensino está acontecendo, os problemas não são identificados, portanto com base na auto-reflexão do professor sobre si e sobre o contexto do ensino, ele tende a culpabilizar os alunos.

Vale destacar, mais uma vez que o programa tem como objetivo a retomada de alunos a escola. Alunos estes que por vários anos e por motivos diversos abandonaram os estudos. Manter esse aluno na escola e ainda motivá-los a participar das atividades, não é tarefa fácil. Pois, além de toda esta dificuldade, vários discentes trabalham o dia todo, boa parte são casados, possuem filhos, além de outros problemas que são facilmente identificados no programa e que foi relatado em conversas informais com alguns professores. Sendo assim, não dá para “culpar” somente os alunos pela falta de aprendizado, mas a um conjunto de situações que leva a este resultado. Que vem desde a falta de motivação dos alunos,

influenciada muitas vezes pela qualidade de vida que possuem até a má formação docente e a própria estrutura da formação continuada, como afirmou alguns professores necessita de modificações. Pois, se estes estudantes não atribuírem importância as aulas, conseqüentemente demonstrarão desinteresse em continuar frequentando a escola.

Por fim, na última questão buscou-se perceber se os professores consideram que a formação continuada contribui para solucionar os problemas presentes na sala de aula, a maioria afirmou que sim: *incentivando a participação de alunos nas aulas, construindo aulas mais dinâmicas*. Estas afirmações se contrapõem a respostas anteriores, tendo em vista que foi observado que os alunos possuem desinteresse pelos estudos, como afirmou alguns docentes.

Finalizando um professor afirmou que: *“Na minha concepção, não houve contribuição alguma”*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O programa PROJOVEM URBANO e os professores das várias disciplinas e em especial a Ciências Naturais têm uma função importantíssima no sentido de possibilitar o acesso ao conhecimento, a alunos e alunas com idade entre 18 e 29 anos, que não conseguiram concluir o Ensino Fundamental. Porém, deve ser observada, a complexidade envolvida no processo de ensino-aprendizagem das várias disciplinas e dos conhecimentos que estes jovens devem ter acesso, pois a maioria ficou bastante tempo fora da sala de aula.

Desta forma, e buscando compreender melhor algumas questões presentes na formação inicial de professores e, sobretudo na formação continuada, analisamos e investigamos neste trabalho, como a formação continuada ofertada por este programa, pode oferecer aos docentes contribuições, para entender melhor, algumas questões problemáticas que fazem parte do contexto escolar, como: dificuldades presentes no processo de ensino-aprendizagem, evasão, falta de estímulo e vontade de estudar, entre outras.

Infelizmente, percebeu-se através da coleta de dados realizada, que a formação pode não estar conseguindo alcançar seus objetivos, pois alguns professores chegaram a afirmar que as reuniões em nada contribuem para melhoria de sua prática pedagógica, pois as atividades desenvolvidas são repetitivas, irreflexivas e pouco criativas. Além, de não possibilitar a investigação e reflexão sobre a prática destes professores, necessidade esta defendida por vários autores, no sentido de realmente possibilitar uma melhora continua na condução das atividades docentes.

Fica bastante evidente a necessidade de uma melhor articulação entre teoria e prática no processo de formação que ocorre nas reuniões com professores e os formadores de professores do PROJOVEM URBANO. Outra consideração que deve ser feita, é quanto à visão simplista sobre a atividade docente que a maioria dos professores possui talvez em virtude do próprio modelo de formação inicial, pelo qual os docentes passaram. A de se observar que o modelo da racionalidade técnica encontra-se presente ainda nos cursos de licenciatura de várias Instituições de Ensino Superior de todo o país.

A idéia da existência de reuniões é realmente importante, porém os objetivos, formas de organização, metodologia utilizada, devem ser revistas. Pois, caso contrário os professores vão continuar participando da formação com intuito apenas de cumprir o seu contrato de trabalho. Este trabalho inicial não encerra a discussão sobre a formação continuada que ocorre no PROJOVEM URBANO, pelo contrário apenas aumenta as inquietações e dúvidas, sobre questões como: a formação dos professores formadores, qual referencial teórico utilizado pelos formadores na formação? Qualidade do material didático utilizado, concepções dos professores sobre os formadores, entre outras. Esperamos continuar este processo de investigação sobre a formação continuada que ocorre no referido programa, e possibilitar desta forma contribuições para o processo de formação destes profissionais.

Desta forma, seria interessante que a coordenação e os formadores buscassem fazer leituras e discussões acerca da importância do professor pesquisador/reflexivo e da reflexão crítica sobre a prática docente, para que estes possam compreender melhor algumas questões presentes na prática pedagógica docente.

5. REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. (Org). **Formação Reflexiva de Professores: Estratégias de Supervisão**. Porto: Porto Editora, 1996.

AYRES, A.C.M. As tensões entre a licenciatura e o bacharelado: a formação dos professores de biologia como território contestado. In: Selles, S.E; M.; AMORIM, A.C. **Ensino de biologia: conhecimentos e valores em disputa**. Niterói: Eduff, 2005, p. 182-196.

CARVALHO, W. **Cultura científica e cultura humanística: espaços, necessidades e expressões**. Tese de livre docência. Unesp. 2005.

CASTILHO, D. L.; SILVEIRA, K. P.; MACHADO, A. H. **As aulas de Química como Espaço de Investigação e Reflexão**. Química Nova na Escola. Nº 9, Maio, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIMA, M. E. C. C. **Formação Continuada de Professores de Química.** Química Nova na Escola. Nº 4, Novembro, 1996.

LIMA, J.P.M. **Modelos Didáticos e O Uso dos Laboratórios de Ciências Naturais e Informática no Colégio Estadual Murilo Braga.** 2009. (Monografia apresentada ao final do curso de Especialização em Metodologias de Ensino Para Educação Básica) Universidade Federal de Sergipe. Itabaiana, 2009.

MALDANER, O.A. **A formação inicial e continuada de professores de química: professores/pesquisadores.** 3.ed. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2006.

PÉREZ, L. F. M.; CATTUZZO, F. L. M. e CARVALHO, W. L. P. de. **Ensino de Ciências para Cidadania a partir do Desenvolvimento de Habilidades de Negociação em Estudantes de Ensino Médio.** Ensino de ciências e matemática, II: temas sobre a formação de conceitos / Ana Maria de Andrade Caldeira (org.). – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

PROGRAMA NACIONAL DE INCLUSÃO DE JOVENS URBANO. Disponível em: www.projovemurbano.org.br. Acesso em: 09 de agosto de 2010.

ROSA, M.I.P. **Investigação e Ensino Articulações e Possibilidades na Formação de Professores de Ciências.** 1.ed. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2004.

SALGADO, M.U.C. (Org). **Manual do Educador/ Orientações Gerais.** Programa Nacional de Inclusão de Jovens – PROJOVEM URBANO, Brasília, 2008.

SCHENTZLER, R.P; ARAGÃO, R.MR. **Importância, sentido e contribuições de pesquisas para o ensino de química.** Química Nova na Escola. n. 1, p.1-5, maio, 1995.

TARDIF, M. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério.** Revista Brasileira de Educação. Jan/fev/mar/abr, n. 13, p. 1-21, 2000.

ZANON, L. B. e PALHARINI, E. M.; **A química no ensino fundamental de ciências;** Química Nova na Escola, Nº 2, Novembro 1995.

ANEXO
QUESTIONÁRIO

Sexo: () Masculino () Feminino Idade: _____

Formação: _____ Instituição _____

Há quanto tempo? _____

Atividade profissional: _____

Há quanto tempo exerce a Atividade Docente? _____

Trabalha em quais turnos? () apenas um () dois () três

1) Há quanto tempo participa do Grupo de Formação Continuada (G. F. C.)? _____

2) Qual o motivo da sua participação no grupo de formação continuada?

3) Qual(is) contribuição(ões) da sua participação no G.F.C para sua Prática Pedagógica?

4) Qual é a metodologia (atividades desenvolvidas) adotada pelo G.F.C?

5) Acha que as atividades desenvolvidas poderiam ser diferentes? Como?

6) Quais os Pontos Positivos quanto a sua Participação?

7) Quais os Pontos Negativos quanto a sua Participação?

8) Quais os principais problemas encontrados na sala de aula?

9) De que forma a Formação Continuada contribui para solucionar os problemas da sala de aula?
